

# EXPLORANDO DIFERENTES FACES DO CAPACITISMO E DA LUTA ANTICAPACITISTA: CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS DISCURSOS MIDIÁTICOS RELACIONADOS COM OS JOGOS PARALÍMPICOS

## EXPLORING DIFFERENT FACES OF ABLEISM AND OF THE ANTI-ABLEISM STRUGGLE: CONSIDERATIONS ON SOME MEDIA DISCOURSES RELATED TO THE PARALYMPIC GAMES

Doralice Lange de Souza  
Ruth Eugênia Amarante Cidade

*Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil*

### Resumo

Este ensaio visa explorar diferentes entendimentos do conceito de capacitismo e citar alguns exemplos de como a luta anticapacitista vem se expressando no contexto midiático dos Jogos Paralímpicos (JP). Verificamos que a literatura internacional encampa um entendimento que denuncia duas faces do capacitismo: uma que pressupõe que as pessoas com deficiência (PCD) são incapazes e outra que elas são capazes de fazer tudo e qualquer coisa. Ambas reforçam o sofrimento, o preconceito e a discriminação das PCD. Já a literatura nacional vem focando mais exclusivamente na face da incapacidade. Analisamos algumas peças promocionais dos JP tanto no Reino Unido quanto no Brasil e algumas falas de atletas e produções de jornalistas. Verificamos a existência de diferentes abordagens na luta anticapacitista: (1) mostrando as PCD como supercapazes e/ou super-humanas; (2) demonstrando o preconceito das pessoas em geral contra as PCD; e (3) mostrando atletas e PCD em geral como quaisquer outros seres humanos treinando e exercendo suas tarefas, enfrentando suas limitações e os desafios que encontram em seu cotidiano. Conforme advertem alguns ativistas e pesquisadores internacionais, a primeira abordagem pode inadvertidamente reforçar o capacitismo. Ela enfatiza o valor de determinadas capacidades e fomenta crenças e expectativas que as PCD são capazes fazer qualquer coisa, o que nem sempre é possível. Ao combater uma das faces do capacitismo, ela pode reforçar a outra. Isto nos lembra que precisamos ficar atentos para que, em nossa luta contra o capacitismo também não vemhamos a cair inadvertidamente em armadilhas capacitistas.

**Palavras-chave:** Atividade Motora Adaptada. Capacitismo. Anticapacitismo. Jogos Paralímpicos. Mídia.

### Abstract

This essay aims to explore some understandings of the concept of ableism and cite some examples of how the anti-ableist struggle has been expressed in the media context of the Paralympic Games (PG). We have found that the international literature embraces an understanding that denounces two faces of ableism: one that assumes that people with disabilities (PwD) are incapable, and another that they are able of doing everything and anything. Both reinforce the suffering, prejudice, and discrimination of PwD. Yet the national literature has been focusing more exclusively on the face of incapacity. We analyzed some promotional pieces of the PG in both the United Kingdom and Brazil and some athletes' statements and

journalists' productions. We verified the existence of different approaches in the anti-ableist struggle: (1) showing PWD as super-capable and/or super-human; (2) demonstrating the prejudice of people in general against PWD; and (3) showing athletes and PWD in general as any other human beings training and performing their tasks, facing their limitations and the challenges they encounter in their daily lives. As some international activists and researchers warn, the first approach may inadvertently reinforce ableism. It emphasizes the value of certain abilities and fosters beliefs and expectations that PWD are capable of doing anything, which is not always possible. As it fights one face of ableism, it can reinforce the other. This reminds us that we need to be alert so that, in our fight against ableism, we do not inadvertently fall into ableist traps.

**Keywords:** Adapted Physical Activity. Ableism. Anti-Ableism. Paralympic Games. Media.

O termo capacitismo tem aparecido, cada vez mais, no vocabulário dos brasileiros com diferentes conotações. Mas afinal de contas, o que o capacitismo? Este ensaio visa explorar diferentes entendimentos do conceito de capacitismo e citar alguns exemplos de como a luta anticapacitista vem se expressando no contexto midiático dos Jogos Paralímpicos (JP). Optamos por utilizar os JP como foco de nossas discussões porque eles estão entre os maiores megaeventos esportivos do planeta e têm recebido crescente repercussão midiática a nível mundial. Como este megaevento coloca as pessoas com deficiência (PCD) no centro das atenções, ele se constitui em uma grande plataforma para se discutir questões relacionadas com a deficiência e reforçar ou combater estigmas e preconceitos comumente associados com estas pessoas (BRITTAIN; BEACOM, 2016; SOUZA; BRITTAIN, 2020).

Inicialmente apresentaremos o conceito de capacitismo a partir da perspectiva de três autores internacionais que são referência na área: Fiona Kumari Campbell, Gregor Wolbring e Dan Goodley. Na sequência, apresentaremos o conceito de capacitismo, tal como ele vem sendo abordado no Brasil. Mais adiante, discorreremos sobre o capacitismo e a luta anticapacitista no contexto dos JP, citando como exemplos algumas iniciativas do Channel 4, do International Paralympic Committee (IPC) e do Comitê Organizador dos JP Tóquio 2020<sup>1</sup>. Por fim, tomando como base as observações de pesquisadores do Laboratório de Estudos e Pesquisas Socioculturais sobre o Esporte Adaptado (LEPSCEA), que vem estudando produções midiáticas relacionadas com as diferentes edições dos Jogos Paralímpicos, apresentaremos alguns vieses e reverses da luta anticapacitista na mídia nacional, citando como exemplo uma peça publicitária do CPB em 2016 e algumas falas de atletas e jornalistas brasileiros que protagonizaram ou participaram de discussões sobre o capacitismo durante os JP de Tóquio 2020.

---

<sup>1</sup> Embora o evento tenha ocorrido em 2021 devido à pandemia de COVID-19, o nome do evento continuou sendo Tóquio 2020.

## O conceito de capacitismo no âmbito internacional

Embora o conceito de capacitismo venha sendo utilizado desde a década 90, ele passou a ser mais conhecido a partir dos anos 2000. Como comentamos anteriormente, o conceito de capacitismo no âmbito internacional neste ensaio será encaminhado sob a perspectiva de três referências, sendo a primeira Campbell, a segunda Wolbring e por fim Goodley.

Os trabalhos de Campbell (2001, 2008, 2009), uma das precursoras dos estudos críticos feministas sobre a deficiência, tornaram-se forte referência na área, principalmente o seu livro *Contours of ableism* (2009). De acordo com a autora, o capacitismo tem como base a construção e valorização de um padrão ideal de corpo e habilidades que são aceitas como mais humanas, mais importantes e mais dignas do que outros padrões de corpo e habilidades. Ele permeia a forma de pensar e agir das pessoas e faz com que aqueles que não se encaixam no padrão de corpo e habilidades percebidos como perfeitos e típicos da espécie, sejam vistos e tratados como anormais. Para a autora, o capacitismo é:

[...] uma rede de crenças, processos e práticas que produz um tipo particular de eu e corpo (padrão corporal) que é projetado como o perfeito, típico da espécie e, portanto, essencial e plenamente humano. A deficiência, então, é apresentada como um estado diminuído de ser humano” (CAMPBELL, 2001, tradução nossa, p. 44).

Conforme Campbell (2009), o capacitismo faz com que o corpo com deficiência seja visto como algo negativo e leva a PCD a ser percebida como “menos que” aqueles que não possuem alguma deficiência. De acordo com a autora (CAMPBELL, 2009, p. 17, tradução nossa), “[...] desde o momento em que uma criança nasce ela emerge em um mundo onde recebe mensagens de que ser uma pessoa com deficiência é ser inferior”. Este pensamento, por sua vez, interfere com a formação de sua identidade.

Campbell (2009) alerta que a internalização do capacitismo leva as PCD a se dedicarem à uma busca pela cura, conserto e/ou superação da deficiência para que possam se encaixar em padrões socialmente aceitos. Este processo tende a ser difícil e doloroso pois, para alguns, mesmo com adaptações no meio em que se vive e com o apoio de aparatos médicos e tecnológicos, isto é inviável. A internalização do capacitismo gera auto-repugnância e baixa autoestima. A busca da suposta “normalidade” através de procedimentos médicos e a espera de novas tecnologias que possam trazer soluções tendem a tirar o foco da PCD e de seus familiares do que pode ser feito no aqui e no agora para uma melhor qualidade de vida. A autora sinaliza que muitos se empenham para esconder ou disfarçar a sua deficiência e se adaptar aos padrões vigentes. Ela também alerta que quanto menos se mostra a deficiência, menos ela é normalizada pela falta de contato com ela. Desta forma Campbell encoraja a todos a assumirem as suas diferenças e se orgulharem de ser como são.

Campbell (2009) critica não apenas o modelo médico da deficiência que considera o corpo com comprometimento como um problema pessoal, localizado no corpo do indivíduo, que precisa ser tratado e curado. Ela critica também o foco dos precursores do modelo social da deficiência (ex. BARNES; MERCER, 2003; OLIVER, 2009) na remoção de barreiras para minimizar o impacto na vida das pessoas com deficiência. A autora considera esta abordagem importante, mas incompleta pois, mesmo removendo todas as barreiras sociais e ambientais, algumas pessoas vão continuar tendo limitações significativas dependendo de fatores tais como o seu tipo e nível de comprometimento e estado de saúde. Neste sentido, ela critica movimentos do tipo “*you can do it all!*” (“você pode fazer tudo!”) pois nem todas as PCD conseguem realizar tudo o que desejam e o que outras pessoas esperam delas.

De acordo com Campbell (2009), é necessário ir para além da luta contra o *disablism* e combater o *ableism*, pois ele é a causa raiz do *disablism*. Não encontramos uma tradução satisfatória para o termo *disablism*, com o sentido utilizado por Campbell e outros autores que abordaram o tema fora do país. Sasaki (2020) propôs a tradução deste termo para “incapacitismo” ou “deficientismo”, explicando que estes significam o foco nas supostas limitações das PCD. Esta tradução foi posteriormente referendada por Mello (2014, 2016). Mas vale lembrar que quando Campbell (2009) e outros autores britânicos (ex. GOODLEY, 2014), utilizam o termo *disablism*, eles se referem ao que talvez possamos traduzir como processos de incapacitação e/ou descapacitação de PCD por meio de práticas sociais.

Destacamos que a discussão trazida pela primeira onda do modelo social da deficiência e o seu foco nos processos de incapacitação/descapacitação das PCD marcou tão profundamente militantes da área da deficiência no Reino Unido, berço de nascimento deste modelo, que muitos ativistas e pesquisadores envolvidos com estudos sobre a deficiência não adotaram as expressões “*person with disability*” ou “*people with disability*”, termos estes recomendados pela Convenção Internacional dos Direitos das PCD (UNITED NATIONS GENERAL ASSEMBLY, 2007). Eles permanecem utilizando as expressões “*person/people with impairment(s)*” para marcar a posição de que as PCD têm um comprometimento e o termo “*disabled*” para marcar a posição que elas são incapacitadas/descapacitadas devido à determinadas práticas sociais, conforme aponta o modelo social da deficiência. Cabe aqui uma observação para explicarmos a nossa preferência pela tradução do termo “*impairment*” para “comprometimento” ao invés de lesão ou incapacidade. Lesão seria a tradução literal do termo *impairment*, mas não a recomendamos pois não se aplica a alguns tipos de deficiência. A versão em português da Convenção Internacional dos Direitos da PCD (BRASIL, 2009) e a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) traduziram o termo *impairment* como “incapacidade”. Embora honremos as discussões destes documentos, pensamos que o termo “comprometimento” é mais apropriado pois as interações entre o *impairment*

e determinadas barreiras podem dificultar ou impedir o desenvolvimento e a expressão das capacidades das PCD em diferentes níveis. Desta forma, acreditamos que é importante manter um vocabulário que distinga o termo comprometimento do termo incapacidade.

Wolbring (2008a, 2008b, 2011, 2012) é outro autor clássico na discussão sobre o capacitismo. Tomando como ponto de partida o trabalho de Campbell (2001), ele define o capacitismo como um conjunto de crenças, processos e práticas que favorece algumas habilidades em detrimento de outras, enaltecendo aqueles que possuem as habilidades mais valorizadas e inferiorizando quem não as têm. Também com base em Campbell (2001), Wolbring (2008a) afirma que o capacitismo interfere tanto na forma com que avaliamos o outro, quanto a nós mesmos. Mas para o autor, o capacitismo vai além das relações entre pessoas com e sem deficiência. Ele é uma forma de se olhar, avaliar e se relacionar consigo mesmo e com tudo mais no universo, tomando como referência capacidades. Wolbring (WOLBRING, 2008a) propôs uma expansão do conceito de capacitismo para além do campo da deficiência, aplicando-se a diferentes tipos de discriminação:

O capacitismo é um guarda-chuva de ismo para outros ismos como racismo, sexismo, casteismo, idadismo, especismo, anti-ambientalismo, PIB-ismo e consumismo. Pode-se identificar muitas formas diferentes de capacitismo, como o capacitismo baseado na estrutura biológica (B), o capacitismo baseado na cognição (C), o capacitismo baseado na estrutura social (S) e o capacitismo inerente a um determinado sistema econômico (E). (WOLBRING, 2008a, tradução nossa, p. 253)

De acordo com Wolbring (2008a), o capacitismo é baseado no pressuposto de que algumas qualidades e capacidades não são somente mais importantes que outras, mas essenciais:

O capacitismo reflete o sentimento de certos grupos sociais e estruturas sociais que valorizam e promovem certas habilidades, por exemplo, produtividade e competitividade, em detrimento de outras, como empatia, compaixão e gentileza. Essa preferência por certas habilidades em detrimento de outras leva a rotular desvios reais ou percebidos ou a falta de habilidades “essenciais” como um estado diminuído de ser, levando ou contribuindo para justificar vários outros ismos (WOLBRING, 2008a, p.253, tradução nossa).

Um ponto importante do trabalho de Wolbring (2008b, 2011) é que ele esclarece que o problema não é necessariamente o favoritismo de determinadas características e habilidades em detrimento de outras. O problema é o uso deste favoritismo para se estabelecer determinadas relações de poder e para se julgar, discriminar e rebaixar o valor de quem - ou o que - supostamente não tem estas características e habilidades. Em suma, para o autor, o capacitismo envolve a valorização de certas capacidades em detrimento de outras e gera diferentes tipos de discriminação e opressão entre pessoas

com e sem deficiência, homens e mulheres, diferentes etnias, religiões, castas e culturas. Ele também afeta a relação entre o homem e natureza e com o universo de uma forma geral (WOLBRING, 2008a).

Goodley (2014) é outro autor importante nas discussões sobre o capacitismo. Tal como Campbell (2009), ele reforça a diferença entre os conceitos de *disablism* e *ableism* e explica que o *disablism* está relacionado com processos de opressão multifacetados que excluem corpos, mentes e práticas que não se encaixam em expectativas de produtividade. Já o capacitismo enfoca a superioridade de algumas capacidades em detrimento de outras. Também na mesma linha que Campbell (2009), Goodley alerta que o capacitismo leva as pessoas à uma busca desenfreada para se encaixar em um padrão de normalidade que valoriza corpos capazes, independentes, autônomos, saudáveis e produtivos. Isto, por sua vez, leva à discriminação, auto-discriminação, opressão e sofrimento daqueles que não se encaixam e não conseguem se encaixar nestes parâmetros.

Ao discutir o capacitismo, Campbell (2009), Goodley (2014) e Wolbring (2012) alertam para a crescente transhumanização dos corpos. Para Campbell (2009), corpos transhumanizados são corpos que se utilizam de tecnologias para minimizar dificuldades e melhorar a performance. Já para Wolbring (2012), a transhumanização vai além da busca por melhorias na funcionalidade e performance humana. Ela é uma busca pelo que é mais do que se considera típico para a espécie humana e envolve não apenas PCD, mas todos os seres humanos, gerando uma espécie de ultracapacitismo. De acordo com ele, a transhumanização leva a uma idealização de capacidades que nunca conseguiremos alcançar plenamente já que as tecnologias estão sempre evoluindo. Ou seja, quando “chegamos lá” aonde se almeja, já nos sentimos insatisfeitos pois estas já estão à nossa frente. Tanto Wolbring (2012) quanto Goodley (2014) explicam que o desejo e a busca do desenvolvimento de capacidades são benignos. O perigo é que esta vontade pode tomar dimensões cada vez maiores, uma vez que as expectativas vão sempre aumentando. Isto pode fomentar um senso permanente de inadequação, tristeza e medo nas pessoas em geral, já que é impossível se alcançar os ideais firmados pela cultura da capacidade (capacitismo).

### **A emergência de discussões sobre o capacitismo no Brasil**

Ao que parece, a primeira defesa da tradução do termo *ableism* para capacitismo foi feita em Portugal por Pereira (2008), em seu trabalho de mestrado defendido na Universidade de Coimbra. De acordo com a autora, até então não havia nenhuma proposta de tradução. O primeiro registro que encontramos do uso do termo capacitismo na literatura acadêmica no Brasil foi em Bentes (2012). Este autor, no entanto, não definiu o termo. A primeira definição de capacitismo que encontramos

em trabalho de cunho acadêmico no país foi em uma publicação de Dias (2013). Para a autora, capacitismo é uma “concepção presente no social que lê as pessoas com deficiência como não iguais, menos aptas ou não capazes para gerir as próprias vidas” (DIAS, 2013, p.2).

Mello (2014) afirma que já militava pela utilização da expressão capacitismo em movimentos sociais que participava desde 2011. Mas foi somente mais tarde, em sua dissertação de mestrado (MELLO, 2014) e logo após em outro trabalho (MELLO, 2016), que formalmente propôs a adoção do termo “capacitismo” para denominar um tipo específico de discriminação: contra a PCD. Ela explica que este tipo de discriminação se materializa “através de atitudes preconceituosas que hierarquizam sujeitos em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional” (MELLO, 2014, p. 53-54). Para a autora, o capacitismo é

[...] uma postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corponormatividade. É uma categoria que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo generalizado como incapazes (incapazes de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo, de ter relações sexuais etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais como o sexismo, o racismo e a homofobia. Essa postura advém de um julgamento moral que associa a capacidade unicamente à funcionalidade de estruturas corporais e mobiliza a avaliar o que as pessoas com deficiência são *capazes de ser e fazer* para serem consideradas plenamente humanas. Isto é, “esquece-se” que as pessoas com deficiência podem desenvolver outras habilidades não agregadas à sua incapacidade biológica (não ouvir, não enxergar, não andar, não exercer de forma plena todas as faculdades mentais ou intelectuais etc.) e serem socialmente capazes de realizar a maioria das capacidades que se exige de um “normal”, tão ou até mais que este (MELLO, 2014, p. 94-95).

Ao observarmos atentamente o conceito de Mello (2014) logo acima, nos chama a atenção que a autora diz que as PCD podem desenvolver diferentes habilidades de forma a se tornarem “capazes de realizar a maioria das capacidades que se exige de um ‘normal’, tão ou até mais que este”. Ao combater uma das faces do capacitismo que se refere às supostas incapacidades das PCD, ela abordou outra face que diz respeito à crença e/ou expectativa de que todos são e/ou podem e/ou devem ser capazes. Isto nos lembra que de fato é um desafio sermos anticapacitistas sem cairmos em armadilhas capacitistas. Esta não é uma tarefa fácil, conforme veremos mais adiante quando apresentarmos exemplos práticos da luta anticapacitista no contexto midiático relacionado ao esporte paralímpico. Muitas vezes o pêndulo desta luta vai de um lado para o outro totalmente oposto: do pressuposto da total incapacidade para o de supercapacidades.

Ávila (2014) também formalmente apresentou o conceito de capacitismo em 2014 e tal como sugerido por Wolbring (2012), expande o uso do termo para além das questões relacionadas com a deficiência. Para ela, o capacitismo atravessa diferentes

formas de opressão que têm como base o que ela denominou de “eficientismo” ou “eficiência compulsória”. Ele leva à “fabricação do defeito” do outro e de outros supostamente menos capazes e ainda faz com que grupos de oprimidos achem que são melhores e mais importantes que outros grupos de oprimidos (grupo contra grupo), o que gera opressão e violência entre eles e contra eles. De acordo com a autora, o capacitismo dificulta a luta contra a opressão que opera em diferentes níveis da sociedade e entre diferentes sociedades e regiões sociopolíticas. Ela propôs que se desenvolva uma epistemologia anticapacitista

[...] para desmantelar a matriz de dominação por dentro dos discursos implicados na violência epistêmica entre o primeiro e o terceiro mundo, entre corpos normais e abjetos, entre os mundos humano e mais que humano, entre corpos e regiões geopolíticas (p. 135).

Conforme Gesser, Block e Mello (2020, p.18), o capacitismo opera a partir da lógica “norma/desvio”:

As capacidades normativas que sustentam o capacitismo são compulsoriamente produzidas com base nos discursos biomédicos que, sustentados pelo binarismo norma/desvio, têm levado a uma busca de todos os corpos a performá-los normativamente como “capazes”, visando se afastar do que é considerado abjeção

Também de acordo com Gesser, Block e Mello (2020, p.18), o capacitismo é:

[...] estrutural e estruturante, ou seja, ele condiciona, atravessa e constitui sujeitos, organizações e instituições, produzindo formas de se relacionar baseadas em um ideal de sujeito que é performativamente produzido pela reiteração compulsória de capacidades normativas que consideram corpos de mulheres, pessoas negras, indígenas, idosas, LGBTI e com deficiência como ontológica e materialmente deficientes.

Conforme explicam Moreira *et al.* (2022), o capacitismo opera de forma interseccional:

[ele dobra] o duplo capaz/incapaz em outras operações de gramáticas morais: no racismo (que hierarquiza brancos, negros e indígenas), no sexismo (que hierarquiza homens e mulheres), nos comportamentos LGBTfóbicos (homossexuais *versus* heterossexuais; transgêneros *versus* cisgêneros; e intersexos *versus* endossexos) e no adultocentrismo que hierarquiza adultos e crianças e adolescentes, submetendo estes últimos aos primeiros.’ (MOREIRA *et al.*, 2022, 3951).

O capacitismo está de tal forma impregnado em nossas mentes e sociedade que ele gera uma hierarquização dos corpos de acordo com as suas capacidades inclusive entre pessoas e instituições que têm como meta a defesa de direito de minorias (IVANOVICH; GESSER, 2020). A lógica capacitista trata as PCD como incapazes e/ou menos capazes de sentir, amar, aprender, desejar e serem desejadas, privando-as de exercerem seus direitos (GESSER; BLOCK; HENRIQUE NUERNBERG, 2019).

Precisamos encarar a deficiência como parte da variabilidade de formas de se existir. Conforme apontam Ivanovich e Gesser (2020, p.17), “[...] é preciso romper com os ideais normativos de independência inerentes à lógica capacitista e considerar as relações de dependência e interdependência como inerentes à condição humana”. Para exemplos práticos de como o capacitismo pode se expressar em nosso cotidiano, vide a hashtag #écapacitismoquando no facebook.

## **Capacitismo e luta anticapacitista no contexto dos JP: Campanhas do Channel 4, do Comitê Paralímpico Internacional e do Comitê Organizador dos JP de Tóquio 2020**

A edição dos Jogos Londres 2012 foi a primeira que assumiu publicamente o compromisso de promover um legado para as PCD em geral (não apenas para atletas) (JACKSON *et al.*, 2014). Uma das metas desta edição foi a de mudar a percepção da sociedade em relação às PCD (OFFICE FOR DISABILITY ISSUES. HM GOVERNMENT, 2011).

O Channel 4, detentor dos direitos de transmissão dos Jogos Londres 2012 e das edições subsequentes - Rio 2016 e Tóquio 2020 - incorporou a meta supracitada em sua estratégia de divulgação do evento. Para a edição 2012, o canal produziu um vídeo - “*Meet the superhumans*” (CHANNEL 4, 2012) - que chamou a atenção. Esta peça publicitária, de um minuto e trinta segundos de duração desafiou, de uma forma direta e incisiva, estereótipos normalmente relacionados às PCD, tais como de que são frágeis, incapazes e dependentes. O vídeo mostra situações onde a deficiência pode ser adquirida e apresenta atletas paralímpicos treinando e competindo com determinação, coragem, dinamismo e eficiência. O material tem como pano de fundo a música “*Harder Than You Think*” da banda Public Enemy. Durante a projeção das imagens, aparecem os seguintes dizeres: “*forget everything you thought you knew about strength*”, “*forget everything you thought you knew about humans*”, “*it is time to do battle*” e “*meet the superhumans*”.

Para os JP Rio 2016, o Channel 4 produziu outra peça publicitária intitulada “*We’re the Superhumans*” (CHANNEL 4, 2016) na mesma linha que o vídeo anterior. A produção tem dois minutos e cinquenta e seis segundos de duração e apresenta pessoas com diferentes tipos de deficiência. O vídeo mostra atletas paralímpicos praticando diferentes tipos de esporte. Ele mostra também outras PCD não envolvidas com esporte realizando tarefas artísticas (cantando, tocando música e dançando), cotidianas e/ou profissionais (ex. uma criança utilizando uma prótese de perna pulando em uma cama elástica, uma PCD pilotando um avião e outra pilotando um carro com os pés). A produção teve como pano de fundo a música “*Yes I can*” de Sammy Davis Jr., performada por músicos com deficiência. A música que constantemente

repete a expressão “*yes I can*”, conjuntamente com as imagens, passa reiteradamente a mensagem de que as PCD podem fazer o que quiserem.

Ao mesmo tempo em que os vídeos supracitados fizeram sucesso e viralizaram em redes sociais, eles também receberam críticas, principalmente o vídeo “*We’re the Superhumans*”. As críticas que foram feitas tanto por ativistas como por pesquisadores ligados aos estudos críticos da deficiência sugerem que narrativas como estas passam a mensagem subliminar que, se as PCD se esforçarem o suficiente, elas poderão “chegar lá”. Alguns críticos alegam que narrativas de super-humanos e/ou *supercrips* - PCD que, supostamente por seu esforço individual e mérito próprio superam dificuldades e têm uma alta performance “apesar de sua deficiência” - ignoram insights do modelo social da deficiência e omitem o fato de que a superação de dificuldades relacionadas com a deficiência não depende apenas das PCD, mas da eliminação de barreiras sociais, ambientais e culturais. De acordo com as análises, uma das consequências destas narrativas é que aqueles que não conseguem atingir determinados níveis de sucesso acabam sendo percebidos como preguiçosos e destituídos de disciplina e força de vontade (BRITAIN; BEACOM, 2016; KEARNEY; BRITAIN; KIPNIS, 2019; SILVA; HOWE, 2012, 2018). Conforme já apontamos, vários fatores que independem do indivíduo afetam as possibilidades de as PCD desenvolverem os seus potenciais em diferentes áreas da vida (BARNES; MERCER, 2003; OLIVER, 2009) e no esporte (HARDIN, 2012; KEARNEY; BRITAIN; KIPNIS, 2019; SILVA; HOWE, 2012, 2018). Também de acordo com alguns críticos, estas narrativas são problemáticas porque a supervalorização de capacidades de alguns grupos de PCD, como a de atletas paralímpicos por exemplo, também se constitui em uma forma de capacitismo na medida em que podem promover a inferiorização e discriminação daquelas que não conseguem atingir feitos similares (CAMPBELL, 2009; HARDIN; HARDIN, 2004; KEARNEY; BRITAIN; KIPNIS, 2019; MAIKA; DANYLCHUK, 2016).

Ao analisarmos os vídeos anteriormente mencionados, concluímos que, se, por um lado, o Channel 4 combateu uma das faces do capacitismo que é a presunção de que as PCD são incapazes, por outro lado, ele pode ter promovido o capacitismo supervalorizando determinadas capacidades e possivelmente promovendo falsas expectativas no sentido de que as PCD em geral são capazes de fazer tudo o que quiserem e terem sucesso em tudo o que tentarem fazer. É sabido que nem sempre é assim seja para as pessoas com deficiência ou sem deficiência. Para a edição dos JP Tóquio 2020, o Channel 4 adotou uma estratégia diferente das anteriores. O vídeo produzido não enfatizou mais o super-humano. O título da produção, de dois minutos e cinquenta e seis segundos de duração, é “*Super. Human*” (CHANNEL 4, 2020). O termo “*super*” aparenta indicar que feitos esportivos são acima do que a maioria das pessoas alcançam. O termo “*human*” passa a mensagem que os atletas são tão humanos quanto quaisquer outros seres humanos. O vídeo mostra os atletas acordando cedo,

suando, chorando, sangrando com ferimentos, se esforçando ao extremo, deixando de lado a família e outras tarefas para poder treinar e com isto, ter um bom desempenho esportivo. A música de fundo é “*So you want to be a boxer*”, performada por Jay Prince. A letra da música reforça a importância do esforço, persistência e combatividade no esporte. Na última cena aparece uma imagem com a expressão “*Super. Human*”, com um ponto entre as palavras, escrita em um vidro que é quebrado por uma bola. Esta produção aparentemente quer comunicar que os atletas paralímpicos são seres humanos de carne e osso como qualquer outra pessoa comum e sem deficiência. Ou seja, eles têm fragilidades, alegrias e tristezas, compromissos com filhos, família e tarefas cotidianas a cumprir. Tal como o vidro na cena final, as PCD também podem se quebrar. Elas são humanas. A ênfase deste vídeo é no humano e não no “super-humano” e passa a ideia de que o que diferencia os atletas paralímpicos de outras pessoas é que eles precisam se esforçar e enfrentar o dia a dia de treinos para serem bem-sucedidos no esporte.

O IPC há anos vem encampando uma luta anticapacitista no esporte no sentido de mostrar os atletas paralímpicos como atletas de alto rendimento. Na última edição dos JP, no entanto, encampou uma luta maior. Em uma iniciativa conjunta com outras organizações como a International Disability Alliance, ONU, UNESCO, e várias outras entidades representativas de PCD, liderou o lançamento de uma campanha mundial denominada “*WeThe15*” (este título remete à ideia de que 15% da população mundial tem algum tipo de deficiência). Uma das ações desta campanha, lançada no contexto dos JP, foi a produção de um vídeo de noventa segundos denominado “*#WeThe15*” (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2021). Esta produção mostra pessoas com diferentes tipos de deficiência, de várias faixas etárias e diferentes etnias em seu cotidiano. Ele mostra que a deficiência não deve ser encarada como um motivo de pena e que as PCD não devem ser consideradas como especiais, super-heróis e nem como fontes de inspiração. Elas devem ser vistas como pessoas comuns que também se engajam em atividades cotidianas, têm relacionamentos afetivos e constroem famílias e carreiras. O vídeo comunica a mensagem que mudanças significativas só acontecerão se as PCD forem vistas como seres humanos como quaisquer outros. Os Jogos Tóquio 2020 funcionaram como uma grande plataforma para alavancar a difusão deste vídeo, que por sua vez viralizou nas redes sociais em diferentes países. Outras entidades que também representam o esporte para PCD se comprometeram em se unir à campanha “*WeThe15*”. Ela será também difundida pelo Special Olympics, Invictus Games e International Committee of Sports for the Deaf (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2021a).

O tema da abertura dos JP de Tóquio - “*We have wings*” (todos temos asas) - foi pensada pelo Comitê Organizador dos JP de Tóquio (COMITÊ ORGANIZADOR DOS JOGOS PARALÍMPICOS DE TÓQUIO, 2021) e se caracteriza como outra iniciativa importante na luta anticapacitista. O estádio foi transformado em uma espécie

de aeroporto através de efeitos especiais de luzes e projeções de imagens. O espetáculo foi protagonizado por uma adolescente de 13 anos que representou um pequeno avião que tinha apenas uma asa (monoasa). Na performance a monoasa queria voar, mas tinha medo pois contava com apenas uma asa. Aos poucos foram aparecendo vários personagens que interagiam e se apresentavam para a monoasa, incluindo músicos e bailarinos com algum tipo de deficiência performando a sua arte e seu jeito de ser. Apareceram também outros personagens “aviões”, cada um representando um tipo de deficiência, voando do seu próprio jeito e estimulando a monoasa a voar, passando a mensagem que todos, independentemente do tipo de deficiência, podem alçar “voo” do seu próprio jeito e da forma que lhe for possível. Por fim, a monoasa vence seu medo, encontra seu jeito de voar e voa.

Ainda sobre os JP de Tóquio, na cerimônia de encerramento Andrew Parsons, presidente do CPI, reforçou a posição anticapacitista da entidade:

No Japão existe uma filosofia chamada Kintsugi que significa abraçar as imperfeições que todos temos. Não as escondam. Celebre-as [...]. Queremos fornecer um movimento global, fazendo uma campanha pública por visibilidade, acessibilidade e oportunidade. Como um sábio atleta disse nesta semana, as PCD não devem ter que fazer coisas excepcionais para serem aceitas. O esporte abriu a porta. Agora é hora de todos nós desempenharmos nosso papel para quebrar as barreiras que nos mantêm separados! (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2021b, tradução nossa)

### **Vieses e reverses da luta anticapacitista na mídia nacional**

O grupo Globo e a EBC (Empresa Brasil de Comunicação) foram as detentoras dos direitos de transmissão dos Jogos Paralímpicos no Brasil. Até onde conseguimos observar, eles não fizeram nenhuma peça midiática visando o combate ao capacitismo, tal como as produções anteriormente citadas. Já o Comitê Paralímpico Brasileiro lançou várias campanhas promocionais relativas aos JP Rio 2016. Uma de suas produções que merece destaque por ter viralizado nas redes sociais e por promover uma mensagem anticapacitista é o vídeo “O treino que muda opiniões” (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2016). O vídeo, com duração de dois minutos e dezesseis segundos mostra imagens de três atletas paralímpicos - Luciano Dantas (halterofilismo), Vinícius Rodrigues (atletismo) e Lúcia Teixeira (judô) - entrando em academias onde não eram conhecidos. As pessoas que lá treinavam olharam com curiosidade para os atletas parecendo duvidar que eles seriam capazes de realizar os exercícios. Quando os atletas começaram a treinar e demonstraram as suas habilidades, as pessoas manifestaram espanto com o rendimento deles. No final da produção, aparecem algumas destas pessoas testemunhando o quanto ficaram surpresas ao perceber a performance daquelas PCD. Este vídeo é um bom exemplo que demonstra com naturalidade o talento dos

atletas e desvela o capacitismo dos frequentadores da academia naquele momento da gravação.

A luta contra o capacitismo no contexto esportivo apareceu de forma mais direta e explícita na televisão e jornais brasileiros apenas durante os JP Tóquio 2020, protagonizada por alguns atletas e jornalistas. Apresentaremos a seguir algumas iniciativas neste sentido, visando exemplificar algumas faces do capacitismo - e da luta anticapacitista - no contexto dos JP de Tóquio. Para tanto, elegemos para este artigo algumas falas de Verônica Hipólito, atleta paralímpica (medalhista de prata e bronze nos JP Rio 2016) que na edição de Tóquio 2020, trabalhou como comentarista da Sport TV. Ela foi a principal protagonista do que ela mesma denominou de “luta anticapacitista”. Elegemos também uma matéria e vídeo produzido pelas jornalistas Bruna de Campos e Gabi Lomba, uma vez que tanto a matéria quanto o vídeo foram dedicados à discussão da questão do capacitismo durante os Jogos de Tóquio.

Na abertura dos JP (VERÔNICA HIPÓLITO, 2021a), e depois em várias outras ocasiões, Hipólito reforçou a ideia de que a deficiência “é apenas uma característica como qualquer outra!”. Ela também afirmou e reiterou várias vezes que a deficiência não deve ser encarada como um problema e nem ser utilizada para definir ninguém. Conforme ela explicou em uma entrevista,

[...] a deficiência nada mais é do que uma característica. Existem pessoas altas e baixas, gordas e magras, com mão e sem mão, cadeirantes e andantes, com paralisia como no meu caso, ou não. E tá tudo bem! (ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES, 2021)

Também logo na abertura dos JP, e posteriormente em outras situações, a atleta explicou que a PCD não deve ser chamada de e/ou tratada como especial.

Especial é aquela pessoa que você paga uma pizza ou um açaí, alguma coisa maneira. Ninguém me pagou, então não me chamem [de especial]! Só me chamem quando me pagarem! (VERÔNICA HIPÓLITO, 2021a)

Hipólito definiu capacitismo como a falsa crença de que as PCD são incapazes. Esta crença, segundo ela, acaba gerando surpresas quando se observa uma PCD fazendo coisas comuns, normalmente não esperadas delas:

O capacitismo de uma forma bem direta é um preconceito [...] que as PCD sofrem. É basicamente [...] achar que alguém não tem capacidade para fazer algo. Então quando você fica “nossa que superação que ele está aí pela rua! E você vê um cadeirante e “Nossa que incrível! Nossa que bonitinho, que fofinho! (ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES, 2021)

As jornalistas Bruna Campos e Gabi Lomba também definiram o capacitismo na mesma linha que Hipólito, mas foram além, apontando a dimensão estrutural da cultura capacitista:

[...] resumidamente, capacitismo é achar que as pessoas com deficiência são menos capazes do que as pessoas sem deficiência. Ele é estrutural, como o racismo, o machismo e a LGBTQIA+fobia. Quase todos fomos ou ainda somos capacitistas. Por isso alguns se surpreendem quando vêm uma PCD exercendo um direito que deveria ser de todos: estudando, trabalhando, se relacionando. (CAMPOS; LOMBA, 2021a)

Nos exemplos anteriores, tanto a atleta quanto as jornalistas enfatizaram uma face do capacitismo: a percepção de que as PCD são incapazes e/ou pouco capazes. Mas conforme já discutimos anteriormente, existe outra face do capacitismo: a expectativa de que a PCD pode fazer tudo. Verônica Hipólito reforçou esta outra face em algumas de suas falas. Vide, por exemplo, a seguinte passagem:

[Capacitismo] é sempre você achar que a PCD não vai ter capacidade para fazer alguma coisa. E na verdade ela tem! (ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES, 2021)

Durante a cerimônia de premiação nos JP de Gabriel Araújo - atleta da natação que tem focomelia, uma malformação congênita que altera o desenvolvimento dos ossos longos de braços e pernas - ela teceu o seguinte comentário:

O Gabrielzinho que liderou de ponta a ponta, serve muito para este Brasil todo, este mundo todo ver mais uma vez que a deficiência é só uma característica, ele que não tem os dois braços, ele que também não tem as suas pernas, uma má formação congênita, mas ele estava lá liderando de ponta a ponta! [...]. E fica aí para todo o nosso país e para todo o nosso Brasil: Se você conhece alguma pessoa com deficiência, se você é mãe, é pai, é tia e tio, é primo, é prima, se você é familiar, e se você é a pessoa com deficiência que está me escutando agora, entenda que a deficiência é só uma característica. Se você quer ir para o esporte, se você quer ir para a cultura, se você quer ir para a academia, onde você quiser você pode e deve ir! (VERÔNICA HIPÓLITO, 2021b)

As passagens acima buscam combater o capacitismo quando contestam a percepção das PCD como incapazes. Mas, ao mesmo tempo, acabam sendo capacitistas quando reforçam a falsa crença de que todas as PCD são capazes de conquistar todos os seus sonhos, o que não se sustenta. A cultura capacitista é tão forte e está tão impregnada em nossa forma de agir e pensar, que acaba por se reproduzir no pensamento e ações até mesmo de pessoas engajadas na luta contra o capacitismo (CAMPBELL, 2009; WOLBRING, 2012), como nos casos exemplificados.

Durante os JP alguns atletas e jornalistas falaram também contra a utilização da expressão “superação” no contexto do EP. Vejamos, por exemplo, as seguintes falas de Verônica Hipólito:

---

1 A segunda parte desta da fala de Verônica Hipólito foi cortada na edição da Globoplay. Citamos aqui a fala completa da atleta que havia sido salva em nossos arquivos pessoais.

Muitas vezes a gente escuta “nossa que superação!” E aí eu coloco para vocês aí de casa ir refletindo: superar o quê? A deficiência? Por que ela é um problema? Para mim não, ela é só uma característica! (HIPÓLITO, 2021)

A gente sempre escuta né, “uma grande superação!” o movimento paralímpico, a PCD!”. Não tem superação pessoal! O que tem de verdade é muito treino, é muita resiliência! (VERÔNICA HIPÓLITO, 2021a)

A atleta Edênica Garcia também falou de seu ressentimento com a utilização da expressão superação em um bate papo com a redação do esporte da Globo:

De todas as matérias que fizeram sobre mim, quase 90% são sobre superação. Sempre com esse viés inconsciente: “Só de ela ser atleta já superou a deficiência, é uma guerreira” [...]. Vamos pensar numa pessoa performando, colocando em prática o que treina e se aperfeiçoa diariamente! (CAMPOS; LOMBA, 2021a)

Aparentemente as atletas supracitadas consideram a expressão superação problemática por duas razões: Primeiro porque se pressupõe que as PCD precisam superar a deficiência. Conforme já discutimos anteriormente, este tipo de pensamento reflete um dos pilares básicos do modelo médico da deficiência de que a deficiência precisa ser tratada e/ou curada e/ou superada. Segundo porque revela que se têm baixas expectativas relacionadas às PCD desconsiderando todo o esforço dos atletas para chegarem ao esporte de alto rendimento. Este tipo de raciocínio comum e falso reflete um dos pressupostos básicos de uma das faces da cultura capacitista: que a PCD é por definição incapaz.

A jornalista Bruna Campos e Gabi Lomba (2021) produziram uma matéria sobre capacitismo durante os Jogos e explicam a crítica à utilização do termo superação de uma forma didática:

Qual a primeira palavra que vem à cabeça quando você pensa em Paralimpíadas? Se a resposta é superação, você definitivamente precisa ouvir o que os atletas têm a dizer. Eles querem superar algumas coisas, sim: a distância, o tempo, os adversários . . . mas não a deficiência. Dizer que alguém é um exemplo de superação apenas por causa da deficiência é reduzir sua trajetória. É ser capacitista. As pessoas com deficiência (PCD) não são coitadinhas.

Ao que tudo indica as jornalistas não condenam a utilização da expressão superação de forma geral. Elas são contra a utilização da expressão quando se pensa na superação da deficiência e quando não se considera a trajetória do atleta como atleta. Esta compreensão ao nossa ver é fundamental e positiva, pois, conforme apontam Silva e Rúbio (2003), dentre outros pesquisadores, a expressão superação é utilizada no contexto do esporte tradicional onde o atleta de alto rendimento também é percebido como alguém que rompe barreiras e amplia limites para ser bem sucedido no esporte.

Outro exemplo de luta anticapacitista no contexto dos JP aparece em um vídeo promovido pelas jornalistas supracitadas e anexado à matéria delas sobre capacitismo (CAMPOS; LOMBA, 2021b). No vídeo alguns atletas aparecem orientando o público sobre termos e expressões que devem ser evitados quando se fala sobre a PCD. Separamos uma passagem deste vídeo para ilustrar o que abordamos anteriormente sobre o desafio de ser anticapacitista sem ser capacitista. Esta passagem se refere a parte do roteiro da fala de duas irmãs Débora e Beatriz Carneiro da natação, ambas com deficiência intelectual:

“Eu sou muito monga, sou muito retardada!” Isto as pessoas usavam com pessoas que tem deficiência intelectual. Independente do que vocês disserem, tem várias opções: doido varrido, maluco, desorientado. Tire isto do dicionário da vida de vocês! Vire a página! (CAMPOS; LOMBA, 2021b)

As expressões “monga” diminutivo de mongoloide (hoje conhecida por Síndrome de Down) e “retardada” que historicamente já foi uma das classificações dentro da deficiência intelectual é usada pelas atletas para alertar o público que estas são expressões de autodepreciação, deboche, pejorativo e até de xingamento. Porém, ao sugerirem uma alternativa anticapacitista, as atletas propõem expressões que consideramos capacitistas e que comumente são aplicadas para se referirem e tachar pessoas com transtornos mentais: “doido varrido”, “maluco” ou “desorientado”.

## Considerações finais

Ao explorarmos diferentes entendimentos sobre o conceito de capacitismo, percebemos que, de uma forma geral, ele pode ser compreendido como um conjunto de crenças, processos e práticas que pressupõem que determinadas características e capacidades são mais desejáveis do que outras e que todos devem ter estes atributos e habilidades. Esta lógica tem levado à discriminação e opressão daqueles que não têm e/ou não se encaixam nos padrões desejados.

Enquanto alguns autores vêm discutindo e utilizando o conceito de capacitismo exclusivamente na área da deficiência, outros vem lidando com o conceito de uma forma mais ampla. Estes alegam que o capacitismo permeia a nossa forma de viver, pensar e agir como um todo e, portanto, se aplica a diferentes tipos de relações. Além de se manifestar nas relações entre pessoas com e sem deficiência, ele se expressa também nas relações entre os diferentes gêneros, etnias, religiões, classes sociais e regiões sociopolíticas. Para esses autores, o capacitismo pode também envolver relações tais quais entre o humano e o transhumano e entre o ser humano, os animais e a natureza de uma forma geral.

A literatura internacional sobre o capacitismo no âmbito da deficiência vem discutindo o capacitismo a partir de duas abordagens principais: uma que pressupõe que as PCD são incapazes e outra que elas são capazes de fazer tudo e qualquer coisa.

Esta literatura revela que ambas estas abordagens reforçam o sofrimento, o preconceito e a discriminação das e contra as PCD. Já a literatura nacional vem focando mais exclusivamente na face da incapacidade.

Ao buscarmos por exemplos de capacitismo e da luta anticapacitista no contexto dos JP tanto no Reino Unido quanto no Brasil, verificamos que as iniciativas do Channel 4, detentora dos direitos de transmissão dos JP desde Londres 2012 no Reino Unido não só encamparam a luta anticapacitista como também avançaram em sua forma de entender o capacitismo, refletindo discussões mais críticas na área. As peças publicitárias produzidas para as edições Londres 2012 e Rio 2016 - *Meet the superhumans* e *We're the superhumans* respectivamente - buscaram claramente e incisivamente combater uma das faces do capacitismo: a que trata da suposta incapacidade das PCD. Por outro lado, no entanto, fomentaram inadvertidamente e subliminarmente, outra face, ao enaltecer as altas capacidades físicas das pessoas que aparecem nos vídeos. Já a peça promocional do *Channel 4* para edição Tóquio 2020 - *Super. Human* - mostrou os atletas vivendo as suas vidas, enfrentando dificuldades e treinando com esforço e dedicação para terem bons resultados. Esta peça combate o capacitismo ao mostrar PCD tocando as suas vidas como pessoas comuns, assim como quaisquer outras pessoas. O IPC em conjunto com outras entidades ligadas à movimentos de PCD também lançou uma campanha na mesma linha de raciocínio: *#WeThe15*. Dentre as diferentes mensagens desta peça publicitária, ela passa a mensagem que somente quando as PCD forem vistas como seres humanos, como quaisquer outros, é que poderemos quebrar as barreiras que as mantém segregadas.

A Globo, detentora dos direitos de transmissão dos JP no Brasil em 2012, 2016 e 2020 e a EBC, que também teve os direitos de transmissão em 2016 e 2020, até onde pudemos observar, não divulgaram peças midiáticas dedicadas ao combate do capacitismo, tal como fez o canal britânico. O CPB, por sua vez, produziu algumas campanhas, sendo que um vídeo ganhou destaque em redes sociais: “O treino que muda opiniões”. Ao mesmo tempo em que esta produção mostra a capacidade de três atletas paralímpicos treinando, também escancara uma das faces do capacitismo que é a pressuposição de pessoas sem deficiência de que as PCD não conseguem alcançar determinados níveis de rendimento. Basta assistir do vídeo para observar os olhares espantados e curiosos dos frequentadores sem deficiência ao se depararem com atletas com deficiência dividindo o mesmo espaço de treino.

Na edição de Tóquio 2020, vimos, pela primeira vez, durante uma edição dos JP uma luta abertamente anticapacitista, inclusive com a utilização dos termos “capacitismo” e “anticapacitismo” por parte de atletas e jornalistas brasileiros. No entanto, algumas das falas que aqui citamos, embora buscassem combater o capacitismo em sua face que considera as PCD incapazes, promoveram outra face do capacitismo:

a falsa crença de que as PCD são cem por cento capazes em tudo. Falas como estas reforçam a compulsoriedade da capacidade, sustentando a “crença naturalizada na capacidade física [dentre outras] como a única forma viável e válida de ser plenamente humano (SILVA; HOWE, 2018, p. 399, nossa tradução). A cultura capacitista gera sofrimento para - e preconceito contra - os que não têm como alcançar determinadas capacidades, seja devido ao seu tipo de deficiência, por lesões graves, doenças crônicas ou traumas, seja pela ausência de acessibilidade, recursos financeiros, acadêmicos, dentre outros fatores.

A cultura capacitista é rica em nuances e está impregnada no nosso cotidiano. Nos afeta a todos, com ou sem deficiência. Somos passíveis de rotular e sermos rotulados. Podemos ser afetados, se e quando em algum momento tivermos nossas capacidades alteradas seja por lesões graves, doença crônica, traumas ou mesmo pelo processo de envelhecimento. Temos, portanto, que trabalhar para expandirmos o conhecimento da e sobre a diversidade. Conforme apontam Silva e Howe (2018), precisamos assumir que somos todos “diferentemente capazes”. Esta diversidade reflete formas legítimas de sermos o que somos e de enriquecermos nossa existência. Por fim, alertamos que precisamos ficar atentos para que, em nossa luta contra o capacitismo não caiamos inadvertidamente em armadilhas capacitistas, tais como as que comentamos no decorrer deste ensaio.

## Referências

- ÁVILA, E. D. E S. Capacitismo como queerfobia. In: FUNCK, S. B.; MINELLA, L. S.; ASSIS, G. DE O. (Eds.). *Linguagens e narrativas: desafios feministas*. Tubarão: Copiart, 2014. v. 1. p. 131-156.
- BARNES, C.; MERCER, G. *Disability*. Cambridge: Polity, 2003.
- BENTES, J. A. DE O. Estudos da deficiência, educação de surdos e atribuições no trabalho docente. *Revista Cocar*, v. 6, n. 11, p. 87-96, 2012.
- BRASIL. *Decreto nº 6.949*, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007, 2009.
- BRASIL. *Lei nº 13.146*, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), 2015.
- BRITTAİN, I.; BEACOM, A. Leveraging the London 2012 Paralympic Games: What legacy for disabled people? *Journal of Sport and Social Issues*, v. 40, n. 6, p. 499-521, 2016.
- CAMPBELL, F. K. Inciting legal fictions: “disability’s” date with ontology and the ableist body of law. *Griffith Law Review*, v. 10, n. 1, p. 42-62, 2001.

- CAMPBELL, F. K. Refusing able(ness): a preliminary conversation about ableism. *M/C Journal*, v. 11, n. 3, 2008.
- CAMPBELL, F. K. *Contours of ableism: The production of disability and abledness*. New York: Palgrave MacMillan, 2009.
- CAMPOS, B.; LOMBA, G. *Entenda por que não é bacana chamar atletas das Paralimpíadas de exemplos de superação*. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpiadas/noticia/entenda-por-que-nao-e-bacana-chamar-atletas-das-paralimpiadas-de-exemplos-de-superacao.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2023a.
- CAMPOS, B.; LOMBA, G. *Vocabulário da Diversidade: atletas paralímpicos explicam termos que devemos evitar*. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpiadas/noticia/entenda-por-que-nao-e-bacana-chamar-atletas-das-paralimpiadas-de-exemplos-de-superacao.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2023b.
- CHANNEL 4. *Meet the Superhumans*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tuAPPeRg3Nw>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- CHANNEL 4. *We're the superhumans*. Disponível em: <https://vimeo.com/174791717>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- CHANNEL 4. *Super.Human*. Disponível em: <https://www.paralympic.org/news/channel-4-s-tokyo-2020-campaign-transport-viewers-brutal-world-super-human>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- COMITÊ ORGANIZADOR DOS JOGOS PARALÍMPICOS DE TÓQUIO. *Yui Wago representa "A Pequena Monoasa", a menina que mostra que todos podem voar, na Cerimônia de Abertura*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9795155/editorial/12e2f241-e6e6-4407-9117-2a29709e53a2/?s=0s>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. *O treino que muda opiniões*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1b4PvmMCy2Y>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- DIAS, A. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA –SEDPcD/Diversitas/ USP Legal. 1., 2013 *Anais...*São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.
- ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES. *Brasil volta dos Jogos Paralímpicos de Tóquio com a mala cheia de medalhas*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9833300/>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- GESSER, M.; BLOCK, P.; HENRIQUE NUERNBERG, A. Participation, agency and disability in Brazil: transforming psychological practices into public policy from a human rights perspective. *Disability and the Global South*, v. 6, n. 2, p. 1772-1791, 2019.
- GESSER, M.; BLOCK, P.; MELLO, A. G. DE. Estudos da deficiência: anticapitismo e emancipação social. Em: GESSER, M.; BÖCK, G. L. K.; LOPES, P. H. (Eds.). *Estudos da deficiência: anticapitismo e emancipação social*. Curitiba: CRV, 2020. p. 17–36.
- GOODLEY, D. *Disability studies: theorising disablism and ableism*. London: Routledge, 2014.
- HARDIN, M. Disability and Sport: (Non)Coverage of an Athletic Paradox. Em: A.RANEY, A.; BRYANT, J. (Eds.). *Handbook of Sports and Media*. [s.l.] Lawrence Erlbaum Associates, 2012. v. 33p. 625–634.
- HARDIN, M.; HARDIN, B. The “Superscrip” in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony’s disabled hero. *SOSOL: Sociology of Sport Online*, v. 7, n. 1, p. 14, 2004.

HIPÓLITO, V. *Verônica Hipólito fala de dúvidas que ainda existem sobre as pessoas com deficiência e a importância da inclusão*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9795005/editorial/12e2f241-e6e6-4407-9117-2a29709e53a2/>. Acesso em: 11 mar. 2023.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. *WeThe15: A global human rights movement for the 1.2 billion persons with disabilities*. Disponível em: <https://www.paralympic.org/news/wethe15-global-human-rights-movement-1-2-billion-persons-disabilities>. Acesso em: 5 mar. 2023a.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. *Andrew Parsons, presidente do Comitê Paralímpico Internacional, discursa na cerimônia de encerramentos dos Jogos Paralímpicos*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9831765/>. Acesso em: 10 mar. 2023b.

IVANOVICH, A. C. F.; GESSER, M. Deficiência e capacitismo: correção dos corpos e produção de sujeitos (a)políticos. *Quaderns de psicologia*, v. 22, n. 3, p. e1618, 2020.

JACKSON, D. *et al. Reframing Disability? Media, (Dis)Empowerment, and Voice in the 2012 Paralympics*. New York: Routledge, 2014.

KEARNEY, S.; BRITAIN, I.; KIPNIS, E. “Superdisabilities” vs “disabilities”? Theorizing the role of ableism in (mis)representational mythology of disability in the marketplace. *Consumption Markets & Culture*, p. 1-23, 11 jan. 2019.

MAIKA, M.; DANYLCHUK, K. Representing Paralympians: The ‘other’ athletes in Canadian print media coverage of London 2012. *International Journal of the History of Sport*, v. 33, n. 4, p. 401-417, 2016.

MELLO, A. G. DE. *Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência*. Florianópolis. 2014. 262 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2014.

MELLO, A. G. DE. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, out. 2016.

MOREIRA, M. C. N. *et al. Gramáticas do capacitismo: diálogos nas dobras entre deficiência, gênero, infância e adolescência*. *Ciência & saúde coletiva*, v. 27, n. 10, p. 3949-3958, 2022.

OFFICE FOR DISABILITY ISSUES. HM GOVERNMENT. *London 2012: a legacy for disabled people*. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20130812104657/http://odi.dwp.gov.uk/docs/wor/leg/legacy-full.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2023.

OLIVER, M. *Understanding disability: from theory to practice*. 2. ed. London: Palgrave Macmillan, 2009.

PEREIRA, A. M. B. A. *Viagem ao interior da sombra: deficiência, doença crônica e invisibilidade numa sociedade capacitista*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

SASSAKI, R. K. *Capacitismo, incapacitismo e deficientismo na contramão da inclusão*. Disponível em: <https://www.sociedadeinclusiva.com.br/2020/05/01/capacitismo-incapacitismo-e-deficientismo-na-contramao-da-inclusao/>. Acesso em: 4 nov. 2022.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 36, n. 2, p. 174-194, 2012.

- SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The social empowerment of difference: the potential influence of para sport. *Physical Medicine and Rehabilitation Clinics of North America*, v. 29, n. 2, p. 397–408, 2018.
- SILVA, M. L.; RUBIO, K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 2003, n. 3, p. 69-76, 2003.
- UNITED NATIONS GENERAL ASSEMBLY. *Resolution adopted by the General Assembly on 13 December 2006. 61/106 Convention on the Rights of Persons with Disabilities*. New York: [s.n.].
- VERÔNICA HIPÓLITO. *Verônica Hipólito: “Especial é aquela pessoa que você paga uma pizza”*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9794932/editorial/12e2f241-e6e6-4407-9117-2a29709e53a2>. Acesso em: 10 mar. 2023a.
- VERÔNICA HIPÓLITO. *Com dancinha no pódio, Gabriel Araújo recebe o ouro dos 200m livre S2*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9810964/>. Acesso em: 11 mar. 2023b.
- WOLBRING, G. The politics of Ableism. *Development*, v. 51, n. 2, p. 252–258, 2008a.
- WOLBRING, G. Why NBIC? Why human performance enhancement? *Innovation*, v. 21, n. 1, p. 25–40, 2008b.
- WOLBRING, G. Ableism and energy security and insecurity. *Studies in Ethics, Law, and Technology*, v. 5, n. 1, 2011.
- WOLBRING, G. Expanding Ableism: Taking down the Ghettoization of Impact of Disability Studies Scholars. *Societies*, v. 2, n. 3, p. 75-83, 2012.

## Notas sobre os autores

Doralice Lange de Souza  
Universidade Federal do Paraná  
e-mail: [desouzdo@yahoo.com](mailto:desouzdo@yahoo.com)  
ORCID: 0000-0001-7330-6156

Ruth Eugênia Amarante Cidade  
Universidade Federal do Paraná - aposentada  
e-mail: [ruthcidade@gmail.com](mailto:ruthcidade@gmail.com)  
ORCID: 0000-0002-7015-8888

Recebido em: 30/03/2023

Reformulado em: 17/05/2023

Aceito em: 17/05/2023